

DOSSIÊ ANTI-SKINHEAD

Por: MOVIMENTO ANARCOPUNK DE SÃO PAULO

INTRODUÇÃO

Ao movimento *punk*, e a todos aqueles que se interessarem:

Temos a necessidade de nos manifestar a respeito desta onda que vem atingindo muitos despercebidos, desinformados e até mal intencionados. Este dossiê tem como objetivo resgatar e relembrar aqueles que têm a memória mais fraca, expor de forma direta o porquê de sermos contra os *Skinheads* e o porquê das tretas entre *Skinheads* e *punks*, que foram e são algo inerente à cultura de rua típica de onde vivemos e não um sonho europeu ou norte americano. Não apenas nós *anarcopunks*, mas sim, o movimento *punk*, do qual sempre fizemos e faremos parte na luta antifascista.

Somos da rua, lutamos pela liberdade, somos contra as fronteiras, contra o Estado, a favor da diversidade cultural, sexual, somos *punks*! Militantes anarquistas! Contra o militarismo e o machismo! Somos do povo, apoiamos as lutas deste povo do qual fazemos parte, e estes são alguns dos motivos, entre tantos outros, porque SOMOS CONTRA OS SKINHEADS NO BRASIL. NÃO ESTAMOS NA EUROPA!

Este dossiê contém algumas informações sobre diversos grupos de *skinheads*, desde Carecas, White Powers, até os mais novos grupos da moda: RASHs e SHARPs. Neste dossiê fazemos um levantamento de seus aspectos culturais, de seu discurso e também de sua prática real. Começamos com algumas informações que acreditamos ser importante divulgar, mas o aprimoramento deste dossiê depende de todos nós punx. Este não é um documento fechado pertencente ao MAP-SP e sim um documento pertencente a todo o movimento punk de rua guerreiro que não se deixa ludibriar por discurso, que se mantém resistente pela necessidade de luta. Esse documento diz respeito à todos aqueles que lutam e que não estão no movimento pelo rolê, tolerando tipinhos fascistas por amizade. Essa prática tolerante só aproxima aqueles que se dizem punks e que não têm a conduta de acordo com o que dizem, os aproximando de nossos inimigos e os distanciando da luta, os tornando qualquer outra coisa, menos punx, diferentes de nós.

FASCISTAS NÃO PASSARÃO!!!!

Certo, como tudo tem uma explicação... para começar, uma breve historia...

Relatos retirado de "SKINHEADS" ou como preferirem "CARECAS"

Carecas do Subúrbio foi o nome dado inicialmente, no final dos anos 70, quando ainda era uma gangue *punk*. Depois de um tempo, do boom dos *skins* ingleses, principalmente das brigas, estes conheceram os *Skinheads* e a partir da identificação, e de algumas adaptações, os *Carecas do Subúrbio* tornaram-se uma gangue unicamente de skins, em 82.

Algum tempo depois o movimento chega à Baixada Fluminense, também dissidente de *punks*, surge então o *Movimento Carecas do Brasil*, nome dado pelos "SKINS" do RJ. Mais além o nome passou a ser utilizado por bancas de "SKINS" de outras cidades, que desejavam participar dos *Carecas*. Estes então deixaram de ser gangue e tornavam-se um movimento.

Esta diferença entre "*Carecas do Subúrbio*" é que esta denominação ficou apenas aos pioneiros do movimento no Brasil, ou seja os "*SKINHEADS*" de São Paulo.

E para complementar "*CARECA*" tornou-se o termo específico pro *SKINHEAD* brasileiro já que estas bancas evitam ser chamados de "*Skinheads*", visto que se são nacionalistas e existe uma forma aportuguesada do termo então é o mais coerente utilizá-la.

Fonte: Zine Protesto Suburbano, livro Carecas do Subúrbio e relatos de fundadores.

Os *Carecas do ABC* são um grupo medianamente politizado, de organização territorial baixa e que chama a si praticamente todos os princípios básicos do corolário que rege os grupos neonazistas europeus e americanos, a saber: ódio e intolerância a usuários de drogas e integrantes de grupos *punks* de tendência esquerdista.

Os "*Carecas*" vestem-se à moda "*Skinhead*". O gênero musical preferido pelos membros, que geralmente trata de assuntos com o cotidiano "*Careca*" - como incitação ao ódio contra os grupos inimigos, louvação de brigas antigas da gangue entre outros - é uma variante do *punk rock*. Estes indivíduos, em São Paulo, costumam agredir e espancar *punks*, góticos, nordestinos, estrangeiros e homossexuais.

O movimento *Punk* no Ceará estava indo mal, por causa das drogas e das brigas internas, então alguns *punks* patriotas que moravam no município de Caucaia tomaram conhecimento dos "*Skinheads*" de São Paulo e decidiram fundar os "*Carecas do Ceará*" em meados de 1989.

“Adotamos o “Skinhead” como um “estilo de vida” “operário e patriota”. Política é o único assunto que não entra em nossas rodas de discussão.

Não precisa nem explicar,

Somos os Skinheads - Os Carecas do Brasil!

Espero que todos entendam.”

(Relatos de Skinheads)

Anarcopunks, nós na luta

Por Ivan de Souza Ribeiro 13/05/2005

“Na luta,

Não é de hoje que alguns anarquistas atacam a presença punk/anarcopunk no meio do anarquismo. Parece que estas pessoas não percebem que o meio anarquista foi e é o grande revitalizador da cena anarquista, tanto no Brasil quanto no [resto do] mundo. Atual secretário geral do CCS [Centro de Cultura Social], entidade de postura inatacável de São Paulo, o doutorando Nildo já foi da cena anarcopunk, na época era o Batata. Quando o anarquismo começou sua reorganização no Brasil, mais especificamente em São Paulo com a reabertura do CCS, com o advento da abertura política em 1.985, o recém reiniciado movimento anarquista encontrou uma novidade: A cena punk que na época flertava com o anarquismo, depois esta cena tornou-se o movimento anarcopunk. As tardes do CCS nos anos oitenta; no Brás – Rubino de Oliveira, nº85; eram lotadas de punks ávidos por informações. Eu, enquanto militante a mais de vinte anos, militante anarcopunk e anarquista, muito aprendi junto ao movimento anarquista. Depois graduei-me em História e hoje sou especialista em História Social e Cultural, continuo na cena anarcopunk. Alguns anarquistas dizerem que nossa cena atrapalha a divulgação do anarquismo é um absurdo. Tenho contato com anarcopunks, e falando da minha área de história, que estudam e lecionam em várias universidades do país, todos levam a cabo o compromisso de divulgar o anarquismo e nossa cultura punk. Muitos compas que não fazem ou fizeram faculdade têm no seu cotidiano um trabalho junto a comunidades carentes, movimentos sociais, sexuais e étnicos. Todos divulgando permanentemente nossa cultura e nossa filosofia. É um baita preconceito de alguns anarquistas dizer que atrapalhamos a luta libertária. Eu já participei

enquanto anarcopunk, da COB, já militei muito em porta de fábrica e já fui preso algumas vezes por fazer panfletagem.

Toda essa campanha contra a cena anarcopunk é interessante. Estes mesmos ditos anarquistas, duvido que sejam, e mesmo comunistas também duvido que sejam, os RASHs e outras figurinhas, não trazem a tona diversas mortes perpetradas por carecas, [nem] as diversas agressões feitas por carecas e skins em geral. Estes novos RASHs e SHARPs que aparecem agora parece que em nome de um corporativismo SkinHead e de um orgulho skin, passam pano pras violências e mortes cometidas por eles, sejam TRADS, ABC, Subúrbio, WP, RASH ou outros. Muitas vezes meu nome tem sido citado nos ataques à cena anarcopunk, porém é bom lembrar que no Brasil ninguém pode ser processado duas vezes pelo mesmo suposto crime. Eu fui preso, libertado e respondi o processo em liberdade. Após os dados virem [à] tona, como o fato [de] que não atirei em ninguém, nem mandei fazer-lo, nem agredi ninguém, meu processo foi arquivado e hoje não devo nada pra justiça. Quantos dos skins que hoje os RASHs defendem como inofensivos podem dizer isto[?]

Esta é a cena anarcopunk e estamos ai pro que der e vier... anarcopunk na fita, os incomodados que danem-se[!]"

(Fonte: www.midiaindependente.org, 13 de maio de 2005. Ivan de Souza Ribeiro - "Anarcopunks, nós na luta").

SKINHEADS = CARECAS - A REALIDADE DE ONDE VIVEMOS

O Brasil dos *Punks* e dos *Carecas*

Diferentemente da Inglaterra, os *punks* surgiram antes dos *Skinheads* no Brasil. As primeiras informações sobre o movimento *punk* chegam ao país no final da década de 70, precisamente no ano de 1977. Por ser um movimento juvenil, alguns jovens brasileiros aderem ao visual e ao tipo de música *punks*. O "*Sex Pistols*" foi referência para esses jovens que, assim como os ingleses, eram de origem operária, pobres e viviam nos subúrbios da capital paulista.

Segundo Márcia Regina, as primeiras reportagens sobre o movimento *punk* tinham um caráter de descrédito por parte da sociedade em geral, sendo caracterizado por muitos como um modismo. Já na Europa, os órgãos jornalísticos viam o movimento com outra perspectiva, preocupados com a onda de violência havida, principalmente, em shows de rock. A imprensa brasileira, no entanto, ataca o movimento *punk* brasileiro como sendo ele um movimento politicamente contraditório e antidemocrata. Isso deixa claro o desconhecimento por parte dos órgãos de informação da diferença entre *punks* e *Skinheads*, que nesse momento já apareciam como

um grupo em formação na periferia da cidade de São Paulo.

O movimento *new wave*, oriundo da Inglaterra, mesmo criticada pelos *punks* em geral, foi a responsável pela chegada da música, dos costumes em terras brasileiras. Em 1978, ainda segundo Márcia, foi um ano de crescimento para o movimento *punk* brasileiro, os jovens do subúrbio paulistano começaram a se identificar com esse movimento, e passam a se agremiar em "gangues".

Os relatos que Márcia Regina colhe em seu livro são importantíssimos para a compreensão do início do *punk* brasileiro. Entrevistando vários elementos colhidos no seio do movimento, conseguiu depoimentos reveladores com relação ao surgimento do movimento na cidade de São Paulo. Nas palavras do *punk S.*:

"Em 1978 a ideologia punk era mais niilista, ligada à autodestruição, (...). Uma revolta mais pessoal, individualista. Mais tarde o movimento mudou para uma coisa mais anarquista, um combate coletivo ao Estado e às normas sociais, às regras burguesas. Isso começou a ocorrer em 1982 e eu entrei nesta época no movimento."

Este mesmo rapaz relatou que sabia do que estava acontecendo na Inglaterra na época, através de publicações dirigidas e revistas em geral. No trecho transcrito, ele demonstra claramente o aspecto de ausência de uma ideologia dominante no movimento e a evolução do movimento para um dimensionamento mais objetivo e de caráter mais abrangente. O ponto de convergência dos primeiros membros encontra-se unicamente no caráter de contestação da sociedade e suas instituições. Em 1982 a anarquia aparece como um direcionamento político para todo o grupo, elegendo como alvo de críticas de uma forma mais precisa o Estado e a sociedade burguesa. A música aparece como elemento catalisador desta mudança, conforme se depreende da leitura de letras de grupos como os "*Sex Pistols*"; como exemplo temos músicas como "*Anarchy In The U.K.*" e "*God Save de Queen*", censuradas nas rádios britânicas e adotadas como hinos pelos *punks*. O boicote se deve ao caráter agressivo e ácido das críticas à forma de organização do governo à monarquia.

Outro entrevistado por Márcia Regina justifica a agressividade e a tendência à violência adotada também pelo movimento brasileiro: segundo ele a formação da gangue tinha como fim não apenas agremiar indivíduos de idéias semelhantes, mas também como uma forma garantir a integridade física dos simpatizantes do movimento *punk*; segundo ele, "*na periferia, ou você bate ou você apanha. (...)*". Isso era uma forma de proteção, unir-se a um grupo. Esse movimento não era unificado e isso gerou uma separação entre os *punks da city* (oriundos do centro da cidade de São Paulo) e os *punks do subúrbio* (região do ABC paulista e Zona Leste de São Paulo).

Desta separação originou-se a diferenciação entre os *punks* de São Paulo. As diferenças entre as duas tribos gerava conflitos freqüentes entre as mesmas, geralmente tendo como palco

shows de música e encontros casuais. Novas dissidências internas tomaram corpo no interior do grupo dos *punks de subúrbio*: com um discurso que valorizava a anarquia e os valores morais católicos, começou o movimento dos “*cabeças raspadas*”, que de início unia-se aos *punks do subúrbio* contra o inimigo comum da *city*. Esta “*rixa*” começa na acusação dos *punks do subúrbio* de que os *punks da city* ouvem *new wave*. A violência física, no entanto, passou a possuir um caráter mais cultuado no recém formado *Carecas do Subúrbio*.

Tal como havia acontecido no Reino Unido com o movimento “*Oi!*”, começou a se criar um movimento tendo como fim a união e o término das diferenças entre os diversos segmentos. Bandas como “*Os Inocentes*” entre outras, passaram a levantar a bandeira do fim dos conflitos, pregando a conscientização contra o inimigo comum, o sistema econômico vigente. Começaram então a circular *fanzines* conclamando todas as facções à união através de shows, na tentativa de acabar com a imagem do *punk* como um marginal sem perspectiva e sem outra ocupação além do vandalismo gratuito. O movimento, tal como na Inglaterra, não surtiu efeito: as diferenças entre *carecas* e *punks* efetuou no distanciamento destas.

Com uma ideologia mais concatenada, os *carecas* eram contrários à anarquia, as drogas e ao modo de se portar e vestir dos *punks*. Assumindo a bandeira nacionalista, passaram a cultivar o corpo e a pregar os valores conservadores como a *moralização da sociedade* e a *dignificação do trabalho*. O desenvolvimento de alguma forma de trabalho passou a ser ponto de honra, como forma de se dissociarem da imagem então a eles atribuída.

Segundo os relatos colhidos de Márcia Regina, já havia *carecas* em 1980, porém só teve caráter de um movimento diferenciado dos *punks* em 1983-84. Peço licença para Márcia Regina ao reproduzir um manifesto feito por um *careca* em 1985 onde esclarece a aparição do *Carecas do Subúrbio*. Vamos a ele:

"Como todo mundo já deve saber, o movimento punk surgiu no Brasil em 1978, quase ao mesmo tempo que na Inglaterra.

Neste ano, quando começou a se formar gangues de vila, existia união e os Carecas do Subúrbio era uma gangue punk com componentes limitados. Com o tempo, o movimento punk foi sendo usado pela mídia e começaram a aparecer os embalos, as roupas produzidas, tudo que os punks repudiam. Ao mesmo tempo, a maioria dos punks da Zona Leste (eu, por exemplo) começaram a reforçar os 'carecas', que a essa altura já era o 'movimento careca', que tinha se expandido pelo interior de São Paulo e em vários Estados do Brasil. Não é verdade que odiamos punks, o que odiamos são os embalos do movimento, os boys, os pilantras da city e os alienados, que passaram uma imagem errada e prejudicaram os autênticos que são pessoas que gostam do movimento e que lutam para que haja união entre TODOS os jovens EXPLORADOS”.

Este manifesto foi escrito pelo careca G., que como todos os carecas originais, começou no movimento *punk* e posteriormente veio a se separar destes pelas razões anteriormente colocadas e que ele próprio citou. Podemos ver que temos um forma de expressão dos *punks* e dos carecas além da música: são as fanzines (fan = fã ; zine = revista). Eles proliferaram em 1982, exatamente quando o movimento começou a se organizar ideologicamente em torno da bandeira da anarquia.

Nestes fanzines temos a expressão da ideologia de ambos os grupos, *punks* e carecas, além de informações de shows, de bandas e de notícias do que estava acontecendo no cenário *punk* no exterior. Por isso faziam reuniões, traduziam artigos estrangeiros sobre o assunto, na tentativa de direcionar o movimento para uma maior *conscientização dos membros*. Recortes de jornal e de revistas passaram a circular com maior frequência entre os jovens, muitos guardavam estes recortes sobre o assunto. Há também a troca de informações entre os representantes de diversos países, relatando inclusive o crescimento do movimento neonazista, que por sua maior organização começa a tomar corpo de maneira mais expressiva que o próprio movimento *punk*. Como forma de retaliação, fanzines *punks* começam a realizar uma campanha contra as bandas e agremiações que erguem a bandeira do neonazismo. As suásticas até então existentes em jaquetas de alguns *punks* passam a ser substituídas por outros símbolos: a presença inicial deste símbolo era apenas mais uma forma de agressão visual, nada tendo de componente ideológico em sua utilização.

Tal reação por parte dos *punks* não conseguiu, contudo, afastar os carecas da influência da *ideologia neonazista*. Na segunda metade dos anos 80, as primeiras influências claras atingiram o solo nacional, através de artigos publicados em revistas e jornais estrangeiros. Apesar de quase todos os carecas terem tido contato com o material, nem todos simpatizaram com as idéias pregadas nessas matérias. Tal fenômeno gerou ainda maiores cisões entre tribos, agora entre os carecas.

Tomado como molde, o neonazismo europeu serviu apenas como elemento de fermentação, visto que muitas de suas idéias chocavam-se diretamente com o público brasileiro que se posicionava como espectador daquilo que acontecia na Europa: Márcia Regina cita em seu livro a passagem em que um jovem faz o seguinte relato: "*O Rafael me contou que um cara escreveu para a banda 'Four Skins'(Inglaterra) e que na resposta eles diziam odiar latino americano e mandaram um pau desenhado(...)*".

Então para os *Carecas* o movimento deveria ser exclusivamente nacional. Dessa forma, passa o movimento a assumir o caráter nacionalista que verdadeiramente marca os movimentos de extrema direita. Diante desse quadro, os *Carecas do Subúrbio* manifestaram-se contra os *Skinheads* nazistas e apenas consideraram-se nacionalistas. Confrontada a postura adotada por eles com as doutrinas nazistas, claramente se percebem influências, principalmente com relação ao ódio expressado pela falta de coesão e desprezo pelos valores morais mais arraigados, manifestados desde sempre pelos *punks*, bem como pela abrangência em sua esfera de intolerância dos judeus e

dos homossexuais, assumido para tanto as mesma justificativas nazistas.

E os grupos políticos chegam aos *Carecas*. Os *integralistas*, vindo deste grupo em formação um elemento interessante, e vindo com bons olhos o nacionalismo exacerbado dos *Carecas*. No entanto, como visto, não são todos os *Carecas* que participaram deste movimento de absorção das teorias pregadoras do nacionalismo: havendo a adesão maciça dos *Carecas* oriundos do ABC paulista, há a separação dos *Carecas* entre os do subúrbio da cidade de São Paulo e os recém formados "*Carecas do ABC*".

As diferenças são poucas, no entanto, entre os dois grupos. Primeiramente os *Carecas do Subúrbio* se concentram mais na Zona Leste de São Paulo e os *Carecas do ABC* nas cidades próximas da Grande São Paulo, concentrando-se em Santo André. Em segundo lugar, a maior proximidade à AIB [*Ação Integralista Brasileira*], com sede no Rio de Janeiro, dos *Carecas do ABC*, tanto que tem como lema "*Deus, Pátria e Família*" assim como os integralistas de 1932. Já os *Carecas* de Subúrbio recusam-se aderir a qualquer partido ou associação de cunho político. Os *Carecas do ABC* adotam uma postura machista, recusando a presença de mulheres em seus grupos, e adotando inclusive a hierarquia militar.

*"Migrante,
Você vem pra cá
Buscar o que não tem lá,
Maldito migrante, desista
São Paulo não te agüenta.
Você só suga o sangue paulista!
Apenas mais um na concorrência.
Empregos, mulheres, terras,
Tudo isso voce vai roubar.
Volte para sua terra, migrante
Filho da puta!"*

Neste ambiente de fomentação da intolerância, eis que surge um guru: o gaúcho *Siegfried Ellwanger*, que passa a utilizar o pseudônimo de S.E. Castan, dono da *Revisão Editora*, passa a escrever e publicar livros que pretendem fazer uma revisão histórica, notadamente do *holocausto*.

Fazendo a apologia do nazismo e propagando o anti-semitismo, sugere uma fraude sobre o que foi até então escrito e disseminado sobre a doutrina do nacional-socialismo. Dentre seus livros, encontram-se títulos como: "*Holocausto: Judeu ou Alemão? - Nos Bastidores da Mentira do Século*" e "*Acabou o Gás*". Nestas obras, pretende o autor mostrar como fraude a existência de câmaras de Gás em campos de concentração nazistas, utilizando-se de métodos e provas por ele descritos como científicos. Toda a história de atrocidades cometidas contra os judeus durante a Segunda Guerra teria sido, segundo Ellwanger, uma conspiração internacional tramada pelos judeus para difamar a Alemanha. Em um excerto deste livro, justifica Castan a saída intempestiva de Hitler durante a vitória de Jesse Owens durante as olimpíadas de Berlim como uma orientação dada pelo Comitê Olímpico Internacional para que o Führer não cumprimentasse qualquer atleta após a vitória de outro americano, ocorrida em um momento anterior.

De toda forma, a ligação dos recém-formados *Skinheads* com a política viria: o *Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro* (PNRB), surgido em sua origem com o nome de *Partido Nacional-Socialista Brasileiro* (PNSB) veio a atingir a necessidade dos *Skinheads* de uma articulação política. Fundada por *Armando Zanine Jr.*, tem como características patentes as bandeiras já levantadas anteriormente pelo grupo: o nacionalismo, a xenofobia e o anti-semitismo. Mesmo na clandestinidade, o partido continua suas atividades de forma indireta, através da construção ideológica e do apoio à atividade desenvolvidas pelos membros do White Power.

Dentre os movimentos neonazistas no país, seguindo a mesma linha de pensamento do *White Power*, chama a atenção o *Movimento Participativo Nacionalista Social (PARNASO)*. Estruturalmente semelhante ao nazismo alemão, possui estatutos extraídos daquele partido e possuem como bandeira de luta os questionamentos levantados por Castan: a negação do Holocausto.

O ponto de convergência entre todas as denominações entre os chamados carecas é a violência: tomada não apenas como uma forma de alertar a sociedade para seus pontos de vista, possui mesmo um caráter de entretenimento para os integrantes destas gangues. A eleição de alvos diversos, na verdade, é diferenciação mais evidente entre as tribos, embora *o anti-semitismo e o ódio aos homossexuais seja uma unanimidade entre as doutrinas pregadas*. Dentre os outros grupos presentes no direcionamento do ódio incontido estão os que se mantiveram fiéis à ideologia punk, os roqueiros de maneira genérica, os jovens membros de classes sociais superiores (pejorativamente denominados "*boys*") e outras formas de agremiação juvenil sob forma de tribos urbanas. De atividade eminentemente noturna, saem à caça de vítimas movidos por nenhuma outra forma de pensamento que não a intolerância racial e ideológica. As justificativas de busca de proteção da violência urbana com a agremiação em gangues continuam a ser utilizadas, apesar de agirem como verdadeiros elementos criadores de violência.

As guerras entre as gangues ainda continuam: superando as diferenças, os *Carecas do ABC* e *Carecas do Subúrbio* uniram forças em 1994 com o propósito de destruir o inimigo recém formado, o *White Power*, dos quais se diferenciavam pela aceitação de negros, mulatos e nordestinos em suas fileiras. No entanto, a onda de violência, como não poderia ser diferente, só aumentou com os confrontos constantes, não raramente resultando em mortes. A partir daí, a imagem criada pelos cabeças raspadas, já nada popular na sociedade, piorou, com a frequência com que estes conflitos repercutiam nos órgãos de comunicação, noticiando espancamentos, depredações e estupros cometidos na guerra entre as gangues.

O caso recente de maior repercussão na mídia foi o assassinato do adestrador de cães homossexual Edson Neris da Silva, espancado até a morte por aproximadamente 30 *Carecas do ABC*. Motivo: homossexual assumido, passeava de mãos dadas com o namorado na Praça da República, no centro de São Paulo.

A partir deste episódio e com a conseqüente perseguição promovida pela imprensa e pela polícia às gangues, começou uma represália que se manifestou sob a forma de carros-bomba enviadas ao organizador do *Movimento do Orgulho Gay* e ao vereador *Italo Cardoso (PT)*, ambos na capital paulista. A mensagem que acompanhava a bomba enviada ao vereador encontra-se aqui transcrita:

"Ítalo venha nos pegar.

vamos destruir todos os veados, pretos e nordestinos .

Nós que somos da raça pura, brancos homens e lutamos pelo fim dessa merda que são os veados, pretos e nordestinos e que nos impede de sair à noite, pois somos obrigados a encontrar essas bichas nojentas, estes pretos fedidos e os cabecinhas chatas que nos fazem vomitar, estão tomando conta da cidade.

Esses filhos da puta estão dominando até policiais e vocês, cuzões de políticos juntamente com estas merdas de organizações de direitos humanos, ficam protegendo estas escórias que deveriam ser usados como adubo.

Ficamos um tempo sem aparecer, pois estávamos nos organizando para a partir [do] dia 7 de setembro aproveitar a data para liberar o Brasil destes excrementos.

Todos que defendem estas sub-raças vão se arrepender e vamos exterminar os principais para dar um exemplo de quem dominará o mundo.

Estas comissões formadas por imbecis - os grupos de veados, de pretos, de colocadores de tijolos, mais essas ONGs como Tortura Nunca Mais, Anistia Internacional, Gapa, Acat e outras - todas vão se foder.

Escolhemos um de cada grupo para dar uma lição para dar servir de exemplo. Já escolhemos os merdas de cada porra destas merdas. Podem esperar alguns presentinhos nossos. Nos aguardem pois a limpeza vai começar.

Salve a raça superior - Nós OS SKINHEADS"

Recentemente foi encontrado nos corredores da USP - Universidade de São Paulo um recorte de jornal noticiando a existência de um estudante neonazista nos quadros da Faculdade de Letras daquela universidade: André Schind Amaral Gurgel participou da fundação da *União Nacional Socialista de São Paulo (UNSSP)*. Tornou-se conhecido por organizar uma campanha de expulsão dos nordestinos de São Paulo. Angariou a antipatia de seus colegas de campus e foi obrigado a trancar a matrícula sob pena de sofrer tentativas de linchamento, segundo relato de seus colegas.

(Fonte: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/historianeonazismobrasil>)

UM POUCO DE PRÁTICA

Algumas ações de grupos de skinheads que ficaram conhecidas

Wikipédia: No Brasil existem os *Carecas*, estilo politizado de caráter patriota, ultranacionalista, conservador, fascista e/ou integralista que *promove ações violentas* contra homossexuais, esquerdistas, diferentes tribos urbanas (em especial àquelas ligadas ao pensamento de esquerda), drogados, os neonazistas também agridem em alguns casos judeus, prostitutas, e outras minorias. As gangues paulistas *Carecas do Subúrbio* e sua dissidência, *Carecas do ABC*, se tornaram famosas na cultura popular devido a episódios de violência amplamente divulgados pela mídia. Alguns integrantes dos *Carecas do Subúrbio* nas comemorações de primeiro de maio de 1988, unidos a membros da extinta *Ação Integralista Brasileira* e do *Movimento Participativo Nacionalista Social*, além de mais três entidades políticas de extrema-direita, entraram em confronto com manifestantes da organização sindicalista de esquerda *CUT*. Em seis de fevereiro de 2000, o adestrador de cães e homossexual Edson Nérís da Silva foi espancado até a morte pela gangue *Carecas do ABC*, formada por 18 indivíduos, por estar andando de mãos dadas com seu companheiro, Dário Pereira Netto, que conseguiu fugir. Em sete de dezembro de 2003 os *Carecas do ABC* se tornam novamente notícia quando três de seus membros, no caminho de volta de uma reunião da gangue, *obrigaram ameaçando com armas brancas dois adolescentes* (Cleiton da Silva Leite, 20 anos, e Flávio Augusto Nascimento Cordeiro, 16, que vestiam camisetas com estampa de *bandas de punk rock*) a pularem pela janela do trem em movimento em que estavam, resultando na

morte de Cleiton e no *amputamento* do braço direito de Flávio.

Homofobia – Assassinos de Edson Neris estão soltos



Edson Neris da Silva (primeira foto), foi assassinado por um grupo de *Skinheads* (foto ao lado) na Praça da República, em 06 de fevereiro de 2000, por estar andando de mãos dadas com um outro homem. Os assassinos estão todos soltos. a Silva (primeira foto), foi assassinado por um grupo de *Skinheads* (foto ao lado) na Praça da República, em 06 de fevereiro de 2000, por estar andando de mãos dadas com um outro homem. Os assassinos estão todos soltos.

Histórico

Rapaz é condenado a três anos e quatro meses em prisão domiciliar pela morte de homossexual.



O 1º Tribunal do Júri do Fórum da Barra Funda condenou ontem a 3 anos e 4 meses em regime de prisão domiciliar o *SkinHead* Jorge Conceição Soler, de 21 anos, acusado de participar do assassinato do adestrador de cães Edson Neri da Silva, 35, em 6 de fevereiro de 2000. Soler foi

sentenciado por sete votos a zero por crimes de formação de quadrilha e tentativa de homicídio do companheiro de Silva, Dário Pereira Neto. A pena, no entanto, será de 1 ano e 8 meses, em prisão domiciliar, pois o réu colaborou com a policia e já estava preso.

Desde o inquérito, Soler foi o único entre os 18 acusados a confessar a participação no caso. Ele admitiu ter agredido Neris, mas negou a agressão a Silva. Ontem, ele reafirmou o que havia dito à polícia. Segundo Soler, havia cerca de 30 pessoas, integrantes de grupos de carecas, na Praça da República, onde ocorreu o crime.



Eles caminhavam pelo local quando um canteiro obrigou o bando a dividir-se em duas turmas. Em seguida, encontraram Neto e Silva, passeando de mãos dadas. De acordo com o réu, cada grupo correu para cima de um. Os *Skinheads* discriminam os homossexuais. Neto conseguiu fugir após as agressões. Silva foi morto a socos e pontapés.

Soler repetiu os nomes das pessoas que participaram do espancamento. Contou que pelo menos dez pessoas do grupo agrediram Silva. Depois, cinco continuaram dando socos e pontapés até que não esboçasse nenhuma reação.

Ao juiz, Soler enfatizou a participação dos *Carecas* Juliano Filipini, de 29 anos, e José Nilson Pereira Silva, de 28. Eles teriam sido dois dos cinco que agrediram Silva até a morte. O julgamento do quarto *Skinheads* durou cinco horas. "Para mim, parecia uma eternidade", disse a mãe de Soler, Neusa. O pai, Roberto Soler, disse, porém, que a preocupação não acabou. Ele teme que o filho sofra represálias por parte do grupo delatado. "Já saímos de nossa casa e decidimos mudar para o interior. "O próprio Soler admite ter medo. "Já recebi ameaças, mas não podia ficar calado."

O promotor Marcelo Camargo Milani, apesar de concordar com as condenações, disse que vai avaliar o prazo de reclusão oferecido pelo juiz Luís Fernando Camargo de Barros Vidal. Ele tem cinco dias para recorrer da decisão. Compreensão - Entre o público que assistiu ao julgamento estavam a irmã do adestrador Benedita Silva e sua sobrinha Viviane Eusébio. "Esse rapaz foi muito corajoso. Sem ele, seria mais um crime impune", disse Benedita. Para Viviane, aos poucos a justiça está sendo feita. "Quero ver todos condenados." Até hoje, dois *Skinheads* - Filipini e Pereira Silva - foram condenados a 21 anos de prisão. O terceiro julgado, Marcelo Pereira Martins, de 21 anos, foi absolvido da acusação do assassinato, mas culpado por formação de quadrilha e recebeu liberdade provisória. Em setembro, outros integrantes do grupo deverão ir a julgamento.

(**Fonte:** <http://lgbtt.blogspot.com/2009/07/homofobia-assassinos-de-edson-neri.html> . Dois de julho de 2009).

Com a morte do adestrador de cães Edson Nérís do nascimento nasceu em São Paulo as *Jornadas Antifascistas*. A manifestação chamada pelo *Movimento Anarcopunk do São Paulo (MAP-SP)* está em seu nono ano (em 2009). A atividade que se iniciou com uma feira onde havia troca de materiais, faixas de manifestação e microfone aberto para denúncias, na Praça Ramos, hoje tornou-se uma jornada com atividades ocorrendo em diversos lugares da cidade, em todo o mês de fevereiro, por vezes se estendendo à primeira semana de março. Estes espaços são utilizados para informar e relembrar a população de casos de intolerância cometidos diariamente, sendo eles casos extremos que levam a lesões corporais ou morte, ou mesmo pequenas atitudes vivenciadas no cotidiano das pessoas. É um espaço libertário e de acesso à todxs.

Em todas as atividades há a exposição do *Mural Antifascista*, mural este que contém notícias, recortes de jornal, com reportagens sobre casos de intolerância que levaram a agressão de

indivíduos, sendo eles homossexuais, negros, nordestinos, punks ou qualquer grupo que se diferencie dos padrões de conduta e estética dos intolerantes *Skinheads* e seus comparsas. Infelizmente este mural vem crescendo a cada ano e já há dificuldade em manejá-lo e em adicionar casos recentes de que temos conhecimento.

Nem todos os casos chegam ao nosso conhecimento, de forma que devemos lutar em nosso dia a dia para que não passem impunes e para que todos conheçam a real face destes intolerantes que fazem uso da violência para manifestar seus preconceitos doentios. Somente unidos poderemos fazer com que atos como esses não ocorram mais e que seus autores arquem com as conseqüências de seus atos.

SkinHead acusado de matar punk vai a júri popular

Por Fernando Porfirio



O Tribunal de Justiça de São Paulo mandou a júri popular um dos skinheads acusados de obrigar dois jovens a saltarem de um trem em movimento na cidade de Mogi das Cruzes. Uma vítima morreu e a outra teve o braço decepado. Três acusados respondem pelos crimes de homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, meio cruel e recurso que impossibilitou a defesa



da vítima). O processo corre em segredo de Justiça.

A decisão é da 5ª Câmara Criminal, que não acatou os argumentos apresentados pelos advogados. A defesa sustentou as teses de atipicidade da conduta, ausência de dolo e falta de prova da relação entre a conduta do acusado e a morte e ferimentos das vítimas. A linha de argumentação da defesa foi a de que os jovens saltaram do trem por vontade própria.



Os crimes aconteceram em dezembro de 2003, numa composição da linha E da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), do ramal Leste da capital paulista, nas imediações da estação Brás Cubas. De acordo com a denúncia, os jovens, acompanhados das namoradas, estavam a caminho de um shopping para jogar boliche.

Os cabelos espetados com gel e as camisetas de bandas de rock punk atraíram a ira do grupo de rapazes skinhead, de cabeças raspadas, coturnos, jaquetas e calças com detalhe militar e armados com machadinha e tchaco (instrumento de dois bastões ligados por uma corrente).

“Ou pula ou morre”, teria dito um dos acusados, dizendo que se não fosse atendido os jovens seriam mortos ali mesmo. Assustadas, as vítimas saltaram do trem em movimento. Cleiton da Silva Leite (foto 1) , de 20 anos (morreu dias depois de traumatismo craniano, e Flávio Augusto Nascimento Cordeiro (foto 2) , de 16, teve o braço decepado ao cair no vão que separa o trem da plataforma.



“O móvel dos delitos foi o preconceito e discriminação repugnantes nutridos pelo recorrente e comparsas, adeptos da facção skinhead, contra o movimento punk, das vítimas”, narrou o relator do recurso, desembargador Marcos Zanuzzi.



Os agressores e a queda foram registrados pelas câmeras da CPTM. Em depoimento, os acusados disseram que abordaram os dois rapazes para saber porque estavam vestidos com um visual agressivo. Os dois jovens teriam saído do vagão, ao perceberem a aproximação. Quando os *skinheads* foram para outro vagão, os jovens não estavam mais lá.

Os acusados foram pronunciados para ir a júri popular. Insatisfeita, a defesa recorreu do decreto ao Tribunal de Justiça. Alegou, em primeiro lugar, que a pronúncia era lacônica e não descrevia de maneira individualizada a conduta de cada um dos réus, o que prejudicaria o exercício da ampla defesa. No mérito, sustentou que as vítimas teriam pulado a janela do trem por vontade própria e que, portanto, não houve dolo, nem relação entre a conduta praticada e o resultado.

A 5ª Câmara Criminal não acolheu as teses da defesa. A turma julgadora entendeu que havia provas suficientes a justificar que o réu seja submetido a julgamento popular pelos crimes descritos na denúncia. De acordo com o relator, basta a existência de evidência de materialidade e indícios suficientes de autoria para mandar o acusado a júri.



“Há registros nos depoimentos das testemunhas no sentido de que as vítimas teriam sido coagidas a pularem do trem em movimento, senão seriam mortas pelo grupo de *skinheads*, o qual era integrado pelo recorrente”, concluiu o relator.

(Fonte: <http://www.conjur.com.br/2009-abr-21/skinhead-acusado-matar-jovem-punk-juri-popular-sao-paulo>. Vinte e um de abril de 2009).

A NOVA ONDA DA INTERNET...

Hoje em dia a informação circula em uma velocidade incrível, e é possível não apenas encontrar de tudo na internet, como também publicar todo tipo de conteúdo. Ao mesmo tempo em que a ferramenta da internet facilitou o intercâmbio de informações, podendo inclusive ser utilizada de forma a contribuir com a luta libertária, há também seu lado contrário. Para além da prática de rua podemos ver uma grande movimentação de diversos grupos *skinheads* pela rede, divulgando seu discurso como atrativo para a juventude que navega em busca de informação. Através de blogs, sites próprios e sites de relacionamento, houve um crescimento do número de integrantes do movimento skinhead, isso tanto no que diz respeito aos grupos que se dizem antifascistas, nazistas e nacionalistas. O Valhalla 88, site nazista de conteúdo racista, elitista que dissemina o ódio contra as minorias é um grande exemplo dessa prática. Porém os sites de relacionamento são os meios mais utilizados atualmente pelos grupos para adquirir integrantes.

Através de perfis bem montados com frases, pedaços de músicas, vídeos de bandas, vídeos de shows e fotos de rolês com os amigos é possível vender todo o *fetichê* da participação integral a estes grupos. As fotos com garotas bem arrumadas, com a estética valorizada, garotos bombados de academia cultuando o corpo, a força e a virilidade, tão bem enturmados e fortes, mostram o quão supostamente magnífico é fazer parte destes grupos.

Cerveja, mulher, música, rolê, amigos: ótimo atrativo para os garotos. Um garoto forte a tiracolo para estar sempre ao seu lado posando pra foto e desfilando no rolê: ótimo atrativo para as garotas.

Música dançante, ambiente descontraído de uma juventude que busca ser “forte”, que é a favor do “progresso” e do trabalho, que não tolera a escória da sociedade, os párias parasitas que impedem que seu povo progrida, uma juventude que só quer o “bem”. Toda essa propaganda é um atrativo para a juventude perdida e sem raiz que se banaliza com a cultura de massa e não se apega e NÃO CONHECE sua própria história. Eis o contexto que torna os jovens alvo fácil e a internet uma ferramenta tão efetiva de arrecadação de novos membros. Nossa sociedade superficial torna isso possível. Da internet para o rolê nas ruas é um pulo, através do *fetichê* e do coleguismo os mais antigos vão catequizando pouco a pouco estes jovens aprendizes, tornando-os gradualmente aqueles que estarão nas ruas sempre em bando e que num dia de rolê podem vir a espancar um homossexual, um trabalhador imigrante, um jovem negro, ou qualquer um de nós, como nos

inúmeros casos relatados de fascismo. Do discurso à prática, ambos tão diferentes. se configura o nosso contexto atual para o qual muitos ainda insistem em fechar os olhos.

JÁ FUI UM DELES

Primeiro skinhead a deixar a gangue e denunciar os colegas, rapaz de 20 anos mostra como jovens podem aderir à selvageria como se fosse coisa normal.

Por: Monica Weinberg



O maior medo de Jorge é ser assassinado. O segundo é encontrar um skinhead na rua – *"porque se isso ocorrer eu serei um homem morto"*. Jorge da Conceição Soler tem 20 anos, é negro, usa óculos, carrega um terço no pescoço e nunca se preocupou em ganhar músculos para se exibir nos embates de rua. Tem o perfil adequado para ser uma presa dos *skinheads* (cabeça raspada, em inglês), nome pelo qual são conhecidos esses militantes da intolerância e da selvageria que costumam espancar nas ruas negros, gays, nordestinos ou punks pelo fato de serem negros, gays, nordestinos ou punks. Mas Jorge Soler foi, ele próprio, um SkinHead. Durante três meses pertenceu ao grupo *Carecas do ABC*, que não discrimina os negros, mas nutre ódio especial contra homossexuais, estrangeiros e *punks*. Chegou a testemunhar – segundo ele, sem tocar um dedo – o espancamento que levou à morte o adestrador de cães Edson Neris da Silva, que passeava de mãos dadas com o namorado no centro de São Paulo, em fevereiro passado. *"Eu via um homossexual no meio da rua e evitava olhar. Morria de nojo dos punks"*, diz.

Jorge Soler é o primeiro caso de que se tem notícia no Brasil de um skinhead que abandonou o movimento e denunciou seus colegas de pancadaria. Depois de três meses na prisão, junto com outros dezessete *skinheads* dos *Carecas do ABC*, acusados de formação de quadrilha e homicídio, Jorge resolveu trocar de vida. Denunciou cinco colegas pela morte do adestrador e passou a colaborar com a Justiça. Hoje, respondendo em liberdade a processo por homicídio cujo julgamento deve ocorrer até o final do ano, ele aderiu ao programa de proteção à testemunha, cuja missão é garantir sua vida.



Filho único de uma dona-de-casa e um comerciante, Jorge mudou-se com os pais para o interior de São Paulo e sua casa é permanentemente vigiada por policiais. Formado no ensino básico, queria cursar administração de empresas, mas tem medo de entrar na universidade. Receia que, com uma rotina definida, vire alvo fácil dos *skinheads*. Em vez de estudar, ganha menos de quatro salários mínimos trabalhando como corretor de imóveis, uma atividade cuja rotina é menos previsível.

"Venha curtir" – Na história de Jorge Soler, chama a atenção a naturalidade com que se envolveu

com os Carecas do ABC. Seu depoimento mostra que resolveu cerrar fileiras ao lado da boçalidade discriminatória com a simplicidade de alguém que aceita um convite para ir a uma festa. Um dia, no final do ano passado, ele saiu de casa em Diadema, cidade paulista conhecida pelas altíssimas taxas de homicídio, para comprar um CD de rock, tipo de música abominado pelos *skinheads*. No caminho, foi abordado por um membro dos *Carecas do ABC*. Era a primeira vez na vida que tinha contato com um *skinhead*. O rapaz convidou-o para um encontro do grupo num bar no centro da capital paulista. Ele foi. Gostou da conversa dos militantes mais velhos, que funcionam como líderes. Todos tinham em comum um emprego remunerado e o lema "Deus, pátria e família". *"Me identifiquei logo. Eles disseram: 'Venha curtir com a gente'. E eu aceitei o convite"*, conta.

Em poucos dias, raspou o cabelo, passou a freqüentar as reuniões mensais sempre feitas em bares de São Paulo, qualquer bar, sem nenhum cuidado especial para evitar que fossem ouvidos. No dia em que matariam o adestrador de cães, os *Carecas do ABC* se reuniram num bar a dois quilômetros da Praça da República, onde o rapaz seria morto. Em geral, nessas reuniões, fala-se do ódio aos punks, aos gays, da raiva de algum deles contra alguém que tenha queimado a bandeira nacional no Dia da Independência, do sopapo que um deles deu em um punk com que cruzou na rua. No meio da pauta de brutalidades, também se fala, nessas ocasiões, sobre assuntos amenos, como namoradas ou futebol. Em véspera de datas cultuadas pelos *Carecas do ABC*, como o Descobrimento do Brasil ou a Independência, o tema são as comemorações. Alguns produzem panfletos caseiros para distribuir, pregando sempre o lema *"Deus, pátria e família"*.

Como a maioria dos militantes dos Carecas do ABC, Jorge Soler também nada contava aos pais. *"Eu tinha vergonha de falar do que fazíamos"*, diz. Com sua adesão ao grupo, as agressões gratuitas passaram a fazer parte da vida do jovem de Diadema. *"Quando alguém aparecia numa reunião contando que tinha esmurrado um punk, eu ficava com uma sensação de que a justiça havia sido feita"*, diz ele. Foi só no dia do assassinato de Edson Neris da Silva que Jorge se deu conta da barbaridade em que estava metido. *"Até aquele momento achava a violência normal"*, conta. Mesmo porque não era a primeira vez que seu grupo batia num homossexual. Na mesma Praça da República onde morreu Edson, os *Carecas do ABC* tinham espancado Marcos Daniel Braga – que, por sorte, escapou da fúria com vida.

Prática esportiva – Os *Carecas do ABC* surgiram no início dos anos 80, inspirados no integralismo de Plínio Salgado, que, por sua vez, se nutria do ideário do fascismo italiano e do nazismo alemão. O movimento, porém, não prega a idéia da supremacia branca de Hitler, mas combate punks, gays e a presença de estrangeiros – especialmente gente procedente de países latino-americanos mais pobres, como Paraguai e Bolívia. Para eles, nenhum problema em relação a alemães, ingleses ou franceses. Na época em que entrou no grupo, e ainda hoje, Jorge não tinha mais que uma noção dos *"fundamentos teóricos"* dos *skinheads*, aquela sopa confusa e rudimentar em que se misturam pitadas de integralismo, nazismo e outras idéias exóticas da mesma família. Os integrantes dos *Carecas do ABC* pertencem, em geral, à classe média baixa. Boa parte trabalha como segurança, office-boy, secretário. O número de membros gira em torno de cem na Grande São Paulo. E, como no caso de Jorge, talvez boa parte deles julgue praticar um esporte – espancando e matando. Só isso. Quando se constata a banalização da violência no país, nada parece mais eloqüente do que casos assim.

(**Fonte:** http://veja.abril.com.br/200900/p_116.html. Vinte de setembro de 2000).

SOBRE ANARCOPUNKS E SKINHEADS/CARECAS

No contexto brasileiro, é de conhecimento de todxs que fazem parte de movimentos de rua envolvidos na cena marginal a relação entre anarcopunks e *skinheads*, é sabido que ambos não se toleram. Mas porque isso? É simplesmente uma implicância pessoal do passado que se fundamentou em rivalidade de grupo com o passar do tempo? É uma briga de gangues? Qual o fundamento disso?

Nas páginas anteriores foram relatadas algumas características, mostradas algumas falas dos próprios integrantes do movimento skinhead, seu discurso e fatos que constituem sua prática. Levando em conta seu posicionamento homofóbico, xenofóbico, machista e racista, sendo uma cultura que cultua a violência, o caráter higienista e a exploração do trabalhador enquanto operário assalariado, nós anarcopunks não podemos tolerar e muito menos estar de acordo ou ao lado destes grupos que cultuam aspectos opressores das minorias. Essa cultura eurocêntrica que em seu discurso brada aos quatro ventos sua influência cultural da musica africana com o SKA, nasceu da opressão ao povo paquistanês, da defesa do nacionalismo e do direito de nascimento do operário nascido na terra aos postos de trabalho locais, oprimindo imigrantes em toda a sua história. Essa cultura, que no discurso se diz completamente tolerante no que se refere aos povos negros, na prática valoriza e cultua elementos da cultura branco-européia.

Por esses e diversos motivos baseados nas atitudes historicamente intolerante destes grupos, nós anarcopunks, libertários, amantes da liberdade e da diversidade não podemos aceitar tais práticas. Nossas crenças, necessidades e práticas nos colocam em lados opostos enquanto inimigos. Nós anarcopunks não apenas toleramos e valorizamos as diferenças, como também acreditamos em sua importância para caracterizar aquilo que somos, sendo de primordial importância aprender com x outrx, e não eliminá-lx.

O movimento anarcopunk tem como histórico toda uma luta de resistência à massificação, à opressão, de luta ao lado das minorias, não como auxiliar ou salvador, mas como mais um grupo integrante das lutas existentes que emergem e se movimentam nas margens da sociedade, não por ibope ou rolê, mas por uma necessidade. Pois somos punks por que precisamos ser, estamos envolvidos nessa luta por necessidade, por sermos nós parte das minorias, sem nos deixar esquecer de nossa história e de nossos antepassados que tão bravamente lutaram e tiveram seu sangue derramado. Essa é a nossa história, a história dos colonizados contra os povos colonizadores. A forma mudou, mas a essência não: disfarçada e mascarada a opressão continua a existir sendo mutante e se constituindo de diversas formas, tirando a máscara e mostrando sua cara sutilmente em nosso dia a dia. É a cultura branco-européia, os valores esteticamente estabelecidos para favorecer os grupos dominantes sendo um padrão a ser seguido, sendo o ideal a conquistar. O homem viril, branco, forte e produtor, a mulher branca, alta, de cabelos lisos e corpo perfeito saudável para ser

mãe de família; estes são os esteriótipos valorizados. Deficientes físicos e mentais, negros, mestiços, homossexuais, obesos, entre outros tipos normais do nosso cotidiano não têm vez, não conseguem viver sem encarar olhares preconceituosos e situações embaraçosas.

No ano de 2010 completamos 10 anos de Jornadas Antifascistas, que ocorrem no mês de fevereiro todos os anos, manifestação esta que se iniciou com uma feira na Praça Ramos em 2000 como manifestação de repúdio às práticas fascistas de *skinheads* que nesse ano mataram o adestrador de cães Edson Néris que cometera o único “crime” de estar de mãos dadas com seu companheiro. Mais uma vez a história coloca a nós, punks ativos na luta antifascista, do lado oposto ao dos *skinheads*. Simbolicamente, conforme a necessidade do contexto em que vivemos, publicamos este dossiê nas Jornadas de 2010, contando com o apoio de todos aqueles envolvidos de fato na luta antifascista. Sem farsa, sem mentiras, sem forçar a barra, com a sinceridade que nossa necessidade nos impõe.

SOBRE PUNKS E SKINHEADS

Principais diferenças culturais

Para integrantes de movimentos de rua pode parecer óbvio que *punks* e *skinheads* são diferentes, diferindo não só em termos ideológicos e culturais, mas na prática também. Porém torna-se necessária a distinção direta entre estes dois grupos, já que a nossa mídia burguesa faz questão de colocá-las no mesmo grau e descrevendo os conflitos existentes (inerentes às diferenças que as colocam em lados opostos) como briga de gangues de rua, colocando-as no mesmo patamar. Essa confusão a princípio podia ser vista geralmente entre a sociedade em geral que não tem conhecimento dos aspectos culturais de *punks* e *skinheads*, mas também se tornou comum no próprio meio *punk*, talvez também no *skinhead* com o surgimento de grupos como os *RASHs* e os *SHARPs* além dos chamados *Streetpunks* que tão pouco vemos nas ruas.

Os *Streetpunks* são grupos de *punks* que pregam a união entre *punks* e *skinheads*, se apropriando de aspectos da cultura *punk*, como o visual agressivo, mas que se aproximam na prática com as idéias do *skinhead*. Esses chamados punks costumam estar em roles de carecas e afins onde sempre tem música, cerveja e mulher, é claro. Contrário ao que sua denominação diz, em São Paulo, é muito difícil encontrá-los nas ruas em manifestações e atividades junto à comunidade, os vemos sempre em bares e casas de shows, em seu role na Augusta sempre em grupinhos. Geralmente são jovens de classe média alta que pegam símbolos estéticos da cultura *punk* e incorporam em seu visual, mas sem a forte significação que carregam. Diferentes dos *punks* que verdadeiramente estão nas ruas seu visual é baseado em bandas, com roupas caras e jaquetas e camisetas compradas, não praticam o *DIY* (*faça você mesmo*) característico da cultura *punk*, sinal de autonomia contra a prática comercial capitalista. Elitistas e preconceituosos cultuam a cultura da violência, do

machismo e a estética dominante, mostram claramente o que são em suas próprias músicas, tendo preconceito contra hippies, mendigos e outras minorias sociais se manifestando violentamente e de forma intolerante contra eles. A música *“Kill the Hippies”* do famoso grupo *The Casualties* mostra bem sua face, como dia a letra: *“Kill the hippies, oi oi oi!”* (*matem os hippies, oi! Oi! Oi!*). Falemos agora um pouco da cultura punk que nada tem a ver com essas figuras em sua realidade e história. Cabe aqui a letra da música *Geração Casualties* da banda Força Ingovernável da cidade de São Paulo que fala sobre esse grupo:

*“Tecido de xadrez roupinha descolada
São streetpunk, mas não passam de piada
Cabelo colorido, jaqueta rebitada
O faça você mesmo não serve mais pra nada
Copiam visual, parece tudo igual
Não importa a cabeça o que importa é ser do mal
Falam que Casualties não é capitalista
Mas então porque mantém a linha de produção?*

Geração Casualties!

*Não gostam de hippies, nem de anarcopunks
Se dizem antifascistas, mas são tão intolerantes
Jovens visualties você vai cansar de encontrar posando
Na Galeria ou num showzinho do Hangar
Copiam visual, parece tudo igual
Não importa a cabeça o que importa é ser do mal
Falam que Casualties não é capitalista
Mas então porque mantém a linha de produção?*

Geração Casualties!

*Eles sonham em um dia virar careca
Andar com uma bandeira de São Paulo no jaco
Um dia é emozinho, no outro é punkeka
Muda de idéia como muda de cueca
Copiam visual, parece tudo igual
Não importa a cabeça o que importa é ser do mal*

*Falam que Casualties não é capitalista
Mas então porque mantém a linha de produção?*

Geração Casualties!”

Sobre a cultura *punk*...

O punk é um movimento que nasce em meio à revolta de toda uma geração, a revolta de toda uma juventude que tem uma resposta violenta às violências que vêm sofrendo por parte da sociedade. É um movimento que nasce de uma necessidade de resposta social a fatos sociais e que por este mesmo aspecto vem se mantendo, sofrendo transformações ao longo do tempo e dos locais em que se estabeleceu. O movimento punk que nasceu sem a pretensão de ser um movimento veio a se expandir pelo o mundo todo como um germe de revolta e contestação a opressão social. Há aqueles que digam que o punk nasceu nos Estados Unidos em Nova York com a movimentação de uma juventude entediada em meio a uma sociedade economicamente estável, sem ter o nome de punk ou pretensão de movimento e que logo em seguida se expandiu para a Inglaterra que vivia um contexto contrário, no qual havia uma juventude com altos índices de desemprego, uma sociedade em momento de crise e que neste contexto adquiriu seu caráter político e fortemente contestatório. Outros dizem que o punk nasce mesmo é na Inglaterra, onde a juventude operária desempregada passa por uma crise e reage a opressão violenta da sociedade de forma agressiva com forte contestação do contexto vigente e da política adotada, havendo então o namoro e logo depois forte ligação do movimento com doutrinas políticas como o comunismo (como é o caso da banda *The Clash*) e o anarquismo que ficaria marcado pra sempre como forte aliado, sendo muitas vezes implicitamente ligado a ele; o próprio *A na bola* passa a ser visto mais que como um símbolo anarquista, mas também como um símbolo *punk*. Não estamos aqui para definir onde o punk nasceu, se já era punk em Nova York ou não, mas sim para falar dos principais aspectos que caracterizam o punk, passemos para frente.

Nascido na Inglaterra ou não foi lá que ele se tornou político e contestador socialmente, com símbolos agressivos que mostravam o descontentamento da juventude com a sociedade. Os rebites, a jaqueta de couro preta, a calça apertada, o coturno, o cabelo arrepiado com moicano ou não simbolizam jovens prontos para a luta, luta cotidiana em seu dia a dia. Jovens que viam em si o potencial de mudança e que perceberam que ficar de braços cruzados esperando que algo mudasse de nada ia adiantar, então reagiram e colocaram sua boca no mundo de maneira tão forte que hoje encontramos o *punk* no mundo todo com uma história de luta forte, aliado ou não a diversos outros movimentos sociais de luta ao lado da população, ao lado das minorias, em prol dos oprimidos, valorizando as diferenças, pois é isso que o punk sempre quis ser e sempre foi, o diferente se

impondo, reagindo e agindo frente a pasmaceira e a enganação da cultura de massa, da cultura dominante, se colocando enquanto contracultura.

Por isso tem a ver com o punk a diversidade e a valorização do diferente e não o culto a uma estética mesmo punk ou de qualquer outro aspecto. O punk veio como diferente pra chocar e fazer pensar e não pra se estagnar e ser mais um padrão de estética a ser seguido, valorizando sempre a criatividade, o dom da transformação, o faça você mesmo. Como uma *bricolage* (uma forma de colagem) de diversos símbolos de culturas diversas surgiu o *punk*, os ressignificando e transformando conforme a necessidade e é assim que devemos mantê-lo vivo hoje. O próprio moicano, símbolo mais conhecido do punk, foi apropriado dos guerreiros do povo Mohawk e ressignificado pela cultura punk e mesmo assim na ignorância de seus atos vemos ditos punks cultuarem este símbolo como sendo o próprio punk, como se o punk não existisse sem ele, valorizando toda uma estética dos *punks* europeus sem olharem para sua própria história e terem a criatividade de fazer por si mesmos a ressignificação de símbolos que estão mais próximos de seu cotidiano e mais, criticando aqueles que os fazem. Desta forma nunca é demais reforçar: O PUNK NASCEU E SE MANTÊM POR UMA NECESSIDADE SOCIAL E NÃO POR MODA.

Sobre a cultura skinhead...

O *skinhead* nasce no final da década de 60, tendo seu marco oficial em 69, motivo este pelo qual se fala tanto no Espírito de 69, como uma tentativa dos *skinheads* de retomarem o que chamaram de uma cultura tradicional. Este movimento tem seu surgimento na Inglaterra, seus integrantes são homens operários que se juntam em torno de signos que julgam serem característicos de seu grupo, como a vestimenta operária, o futebol, o consumo de cerveja e a “apreciação” de mulheres, mesmo músicas de grupos brasileiros podem relatar esses símbolos tão apreciados e ressaltados.

O *skinhead* é um movimento que se diz operário, tomando para si elementos que julga característicos do operariado, como a calça jeans, o coturno (que originalmente era utilizado como forma de proteção pelo operariado inglês), por vezes a boina e o suspensório, assim como a cabeça raspada, elemento esse que pede um pouco de atenção. O operariado inglês tinha em sua maioria cabelos bem curtos ou cabeça raspada por conta de sua condição de operário, era exigido dessa forma porque era uma forma de manter os operários com aparência mais “limpa”, é um sinal de culto ao higienismo, que até hoje continua a ser cultuado pelos *skinheads*. Há uma distorção do que é o operário, do que o caracteriza e do que é importante em sua condição. Há a distorção de toda a história de uma classe que luta pelos seus direitos e não para manter sua condição de explorado. O movimento *skinhead* se apropria do operariado se dizendo “orgulhoso e odiado” e ao contrário de partilhar a luta pela melhoria de sua condição, cultua símbolos vazios de seus significados. Com o

orgulho de sua posição e de sua condição o *skinhead* procura mantê-la, sendo machista e homofóbico sempre ressaltando a liderança do homem produtivo, se colocando contra a movimentação e organização das mulheres, os direitos dos homossexuais e a presença de estrangeiros. O que seria a preservação de seus postos de trabalho por direito, acaba se tornando um culto a opressão dos estrangeiros e de outras formas de força de trabalho, levando a ações violentas que vão desde a violência física até a violência simbólica dada por diversos atos do cotidiano. O caráter violento deste grupo que não esconde ser violento e intolerante está presente em diversas de suas ações, denúncias como as relatadas anteriormente nos comprovam isso.

A questão da presença masculina e da valorização desta é muito importante, pois apesar de haver a presença feminina em grupos *skinheads*, com as *chealseas*, há uma relação de submissão entre os gêneros. As próprias garotas deste grupo aceitam esta condição e em sua relação cotidiana - embora hoje em dia algumas venham a dizer que são em prol da autonomia da mulher se dizendo riot girl (o que é uma grande confusão em termos) - há a relação de dominação do homem sobre a mulher como o gênero valorizado da relação, da visão da mulher a serviço do homem como sendo esse o dirigente do povo produtivo. Nesse ponto podemos também chegar à questão da homofobia e entender o porquê dessa aversão tão forte aos homossexuais. Baseado ou não em questões religiosas, a homofobia sempre esteve presente entre os *skinheads* que não toleram que uma pessoa se relacione com outra do mesmo gênero porque isso vai contra as “leis naturais”, com aquele argumento de que se fosse natural não teria sido feito o homem e a mulher e não teria sido permitido a eles se reproduzirem. É exatamente esse o ponto, a crença de que o homem nasce, cresce, se reproduz, é produtivo para a sociedade em que vive e quando não é mais morre. É essa crença do homem produtivo, é exatamente por isso que os *skinheads* se colocam contra homossexuais e todxs aquelxs que julgam ser parasitas. É exatamente neste chavão que os *skinheads*, principalmente os nacionalistas, se baseiam contra diversos grupos sociais, taxando-os de parasitas, culpando-os de serem os responsáveis por atrapalhar o progresso de seu povo, que no nazismo seria o seu povo branco, que traduzindo para o nacionalismo são seus compatriotas, ou seja, traduzindo para qualquer doutrina é a mesma linguagem fascista, em prol de um grupo e em detrimento dos outros.

Para encerrar coloco uma questão utilizando um ponto que está também no discurso de diversos grupos *skinheads*, a maior parte deles, com exceção dos *White Powers*: O nazismo não faz parte da cultura *skinhead* em sua origem, mas porque será que foi possível unir tão facilmente a cultura *skinhead* à doutrina fascista? Os argumentos apresentados anteriormente podem facilmente responder essa questão, mas para que aquele que leia esse dossiê possa fazer a reflexão fica desde já a provocação de dizer que o espírito do *skinhead* tem muito a ver com a ideologia fascista.

Para concluir...

Este dossiê não está acabado e encerrado, talvez nunca esteja. Cabe a todxs nós que temos o compromisso com a luta antifascista aperfeiçoá-lo, corrigir caso tenha algum equívoco ou completá-lo. Uma idéia nunca se fecha e estamos sempre abertos para aprender com nossos/nossas irmãos/irmãs de luta.

FORÇA E RESISTÊNCIA NA LUTA ANTIFASCISTA!

MAP/SP – MOVIMENTO ANARCOPUNK DE SÃO PAULO